



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

RELAÇÕES COM A LITERATURA: O ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL ATRAVES DA OBRA USINA DE ZÉ LINS

Autora: Leonora Cavalcante de Lima

Universidade Federal de Campina Grande – leonoracavalcante21@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho faz uma relação da história com a literatura de José Lins do Rego e seu livro Usina no ensino básico. O livro usina traz à história da decadência do latifundiário açucareiro, a modernização das usinas, as mudanças sociais no patriarcado rural entre outros acontecimentos dos finais do século XIX e início do XX na região da zona da mata, dos estados da Paraíba e Pernambuco. Portanto, através dos acontecimentos que o livro trata, observa-se a possibilidade de trabalhar o ensino de história regional e seus âmbitos socioeconômicos nas aulas de história. Apoiando-se na literatura como uma fonte documental para entender o processo açucareiro desta região, pelo qual até hoje, ainda é a maior economia de sustento regional. O bom resultado deste trabalho vem através da interdisciplinaridade que o envolve, onde é trabalhada leitura, escrita, interpretação, conhecimento social e histórico regional, tornando as aulas de histórias mais interessantes.

Palavras-chave: Literatura e história, Ensino de história, Regionalismo.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



O ensino de história vem se modificando ao longo do tempo, principalmente com as questões de interdisciplinaridade que envolve a educação hoje em dia. Seguindo com esse pensamento, esse texto surgiu através de aulas interdisciplinares em uma escola que trabalhei. Este tema, já tinha sido debatido em minha monografia de conclusão de curso, seguindo esse embasamento resolvi aplicar esse diálogo literatura e história em algumas aulas ministradas por mim. Os assuntos históricos abordados faziam parte do contexto regional que os alunos vivenciavam. Observando por esse ponto, decidi trabalhar a história regional em sala de aula, por sentir falta desta aprendizagem no currículo da disciplina dos alunos nas comunidades escolares que trabalhei, sem falar que o livro didático abrange uma história geral e não especifica nem contextualiza muitas vezes a história regional, referindo-se acerca de município ou estado.

Nas aulas foi debatida a questão econômica açucareira típica das regiões da Paraíba e Pernambuco o qual José Lins do Rego retrata muito bem em suas literaturas “O ciclo da cana de açúcar”. Para gerar esse ensino e aprendizagem envolvendo a literatura e a história, escolhi o livro “Usina” de José Lins do Rego. Este livro faz parte da coleção que retrata a trajetória da economia açucareira no Nordeste brasileiro, voltando-se principalmente para os estados de Pernambuco e Paraíba. Em Usina, os alunos conheceram as mudanças e transformações que o açúcar fez não apenas na economia local, mas também, na sociedade e no meio ambiente.

O autor Zé Lins, é natural de Pilar na Paraíba, cidade que fica a 12 km da cidade de Juripiranga – PB onde foram ministradas as aulas. Portanto, sua história de infância e juventude foi vivida nesta região da zona da mata paraibana e pernambucana e suas lembranças são colocadas e envolvidas nas ficções que escreveu. O cenário do livro Usina por muitas vezes pode ser enxergado ainda hoje nas estradas da região, sem falar que a economia do município e região é estabelecida por uma usina açucareira chamada Olho d’água de 93 anos que compõe o cenário de trabalho de muitos pais dos alunos.

Continuando sobre a biografia do autor, José Lins do Rego Cavalcanti nasceu em três de junho de 1901, no Engenho Corredor município de Pilar, estado da Paraíba. Órfão de mãe e com o pai distante, Zé Lins foi criada pela tia materna, estudou em Itabaiana PB, cursou a faculdade de Direito em Recife, morou em Alagoas e terminou seus dias no Rio de Janeiro, além de tudo isso ainda participou da Academia Brasileira de Letras.

O livro Usina que foi trabalhado em sala de aula com a turma do 2º ano do ensino médio da



Escola Teonas, traz a história do momento de decadência do latifúndio açucareiro, da crise nesta área, da desintegração dos engenhos e as modernizações das usinas, representando ainda a ruína de um sistema de relações sociais e ambientais que percorriam todo o envolvimento desta economia. Os alunos conseguiram perceber as diferenças de poder, classe social, discussões sobre o negro, a vida nos canaviais, a chegada de retirantes fugindo da seca do sertão para trabalhar nas lavouras, perca de sítios para a usina e os problemas ambientais, tudo isso fazendo uma comparação do passado com os dias atuais da região.

Trabalhar com literatura no ensino de história não é novidade, os livros didáticos ultimamente sempre vêm trazendo este diálogo, um exemplo forte desta interdisciplinaridade, é uso de Lima Barreto com o livro “Triste fim de Policarpo Quaresma” para retratar os primeiros anos da República no Brasil. O uso desses textos ficcionais no ensino de história atrai os professores historiadores, pela facilidade existente em envolver o aluno no assunto, frisando que as duas tem muito em comum pois trabalham com o mesmo tipo de linguagem, a escrita e utilizam os mesmos signos que são as letras e palavras. Portanto, vemos aí o envolvimento pleno entre as duas disciplinas que além de tudo induz os alunos ao hábito da leitura que é algo raro de acontecer em muitas escolas públicas, sem falar que é notável que a ficção tenha uma proximidade historicamente vivida pelos autores, como se ver nos romances de Zé Lins. Esta fonte torna-se muitas vezes importante para a pesquisa de muitos historiadores.

A função do historiador, de resto, é exatamente esta: refletir sobre experiências históricas e identificar seus sentidos gerais e específicos. E a ficção, em inúmeros casos, igualmente parte de situações realmente vividas e as recria imaginativamente. Ou, ao contrário, sugere alternativas para a história em curso, avalia caminhos que poderiam ter sido seguidos e não foram. De uma forma ou de outra, sua base está no que historicamente se deu. Por isso, tantas vezes a história e a ficção abordam temas de interesse recíproco e explicitam essa proximidade. (PINTO, 2012, p.13)

Podemos dizer que a história e a ficção são como vizinhas compartilham elementos de construção, trocam informações e preocupam-se com problemas parecidos, no entanto em toda proximidade pode haver dificuldades. O que tento explicar, é que por muitas vezes as semelhanças entre as duas, pode confundir seus respectivos espaços e fazer com que uma delas perca sua especificidade. Trabalhar com esse diálogo de narrativas em sala de aula requer uma alta atenção em demonstrar em que se constitui cada uma, mesmo que sejam tão parecidas.



O discurso histórico e o literário têm em comum o fato de ambos serem narrativos como já tinha dito anteriormente. Ela ainda acrescenta que o discurso histórico visa explicitar o real por meio de um diálogo que se dá entre o historiador e os testemunhos, os documentos, que evidenciam os acontecidos, as ações históricas. Com base nesse diálogo o pesquisador busca compreender, explicitar o real em movimento, a dinâmica, as contradições, as mudanças, as transformações e também as permanências. A obra literária não tem compromisso nem a preocupação de explicar o real, tampouco de “comprovar”, testemunhar acontecimentos. Trata-se de uma criação, um “teatro mental” (...) (GUIMARÃES, 2012, p. 315)

Da ficção se espera o uso sistemático da imaginação e, em boa parte dos casos, um compromisso com a verossimilhança; da história se pretende o trabalho com a verdade, mesmo que saibamos que essa verdade não é plena nem definitiva, mas é sim, aquela possível de um dado momento em função da documentação (literatura) disponível.

De acordo com Júlio Pimentel Pinto (2012), sobre a relação da história com a literatura, é preciso aprofundar a discussão sobre os vínculos e as interações possíveis entre essas narrativas e oferecer recursos que facilitem e ampliem o uso de textos literários em aulas de história ou nos trabalhos interdisciplinares com a língua portuguesa. Para tanto, é com isso que tentamos lembrar o importante papel da leitura como fundadora da relação que pretendemos estabelecer entre história e literatura na prática do ensino.

No diálogo transdisciplinar e interdiscursivo entre as duas formas de conhecimento sobre o mundo, a história pergunta e a literatura responde. Nesse caso, não devemos esquecer que tanto o discurso literário quanto o discurso histórico são formas diferentes de dizer o real, haja vista que são representações construídas sobre o mundo e que traduzem sentidos e significados inseridos em dada época. A autora Pensavento (2006), diz algo interessante sobre o que foi dito anteriormente, ela chama a nossa atenção para o uso da literatura pela história como fonte, sem que isso se estabeleça hierarquias de valor “sobre os modos de dizer o real”.

De acordo com Guimarães (2012, p.316), A leitura de textos literários, reservando as especificidades artísticas, pode nos oferecer pistas e referências do modo de ser viver e agir das pessoas de uma determinada época. Vemos nessas palavras a possibilidade dessas obras serem fontes privilegiadas de evidências que podem ajudar no trabalho dos historiadores e professores de histórias ao se direcionarem a atividades de pesquisa.



No ensino médio e fundamental, é possível desenvolver projetos interdisciplinares, do qual falo neste artigo, quando uso a literatura nacional para reviver uma passagem histórica de uma região. Trata-se de uma opção metodológica que pode trazer bons resultados de interação e conhecimentos de grande importância para o ensino-aprendizagem da história.

Os textos literários ficcionais nas aulas de história não podem assim ser incorporados como meros complementos ou ilustrações, mas como fonte a ser problematizada por professores e alunos, de forma interdisciplinar, propiciando ao aluno o acesso a outras faces das linguagens e o desenvolvimento de atitudes críticas e criativas. (GUIMARÃES, 2012, p. 317)

A atividade planejada e executada com o livro *Usina* de José Lins do Rego, com a turma do 2º ano médio, trouxe uma nova abertura para boa parte dos alunos, assim como para mim, a professora que idealizou o trabalho em sala de aula. Trata-se de um aprendizado constituído em torno da leitura que parte da base ficcional e chega a sua situação histórica. Portanto, a obra literária *Usina* de Zé Lins foram escritos que nos serviram de fonte histórica, de inspiração para a composição das aulas. Metodologicamente fizemos um trabalho para melhor situar o aluno em relação a história do seu lugar, como a cultura, a economia regional, questões de poder que na época do livro estava relacionada a senhores de engenhos, como também a situação do pobre e do negro, fazendo comparações com o hoje.

O trabalho aconteceu com as seguintes indagações pós-leitura:

- Qual é o autor? Qual a época que o romance é abordado?
- Quais as temáticas mais recorrentes?
- Qual figura de linguagem são mais recorrentes no texto?
- Que diálogos podem ser estabelecidos entre o livro literário e o contexto histórico que buscamos?

A partir dessas indagações foram sendo construídos os elos da literatura com a história. A pesquisa possibilitou compreender quem era o autor, qual era o seu envolvimento político social, aproximar a obra ao contexto na qual a mesma se insere, que no caso ao ler o livro *Usina* de Zé Lins o leitor deve entender o movimento regionalista nordestino, além dele está inserido em uma literatura modernista do cenário nacional dos anos 30.

Na terceira pergunta, ela permite relacionar o romance com os conteúdos da disciplina que



no caso foram a “Administração colonial” feita pelos portugueses e a “Produção açucareira” na América portuguesa que incluem as atividades econômicas e a questão do negro, lógico que no momento do livro a abolição da escravidão já havia acontecido isso nos fez relacionar os dois momentos, ou seja, a época do cenário do livro que corresponde ao início do século XX, com o nordeste colonial do século XVI, que no caso aborda o início da economia açucareira terminando com a crise açucareira e a decadência dos engenhos. Esta terceira indagação é fundamental principalmente para que o estudante perceba as relações entre os períodos históricos trabalhados, o livro didático introduz o início do processo açucareiro principalmente no nordeste, já a literatura Usina, fala sobre as mudanças que a mesma sofreu com a modernização. Sobre a indagação recorrente as figuras de linguagem, o professor deve uma maior atenção para conseguir responder as possíveis perguntas que estarão relacionadas a elas, já que boa parte dos textos literários é preenchida de figuras de linguagem para dar mais expressividade ao texto literário.

Dessa forma, o uso do romance na sala de aula de história é uma fonte que não deve ser desprezada, mas valorizada como páginas de memórias sobre épocas e lugares, ritos e costumes, práticas culturais e manifestações sociais que foram captadas pelo olhar do escritor. São páginas de romances, romances de história. (OLIVEIRA, 2012, p. 127)

A pesquisa através dos romances para o ensino de história, neste trabalho foi voltada principalmente para a temática do regionalismo. Logo ao início da leitura do livro os alunos se deparam com a história de um personagem negro chamado Ricardo que procede de outro livro (O moleque Ricardo). Ricardo é um personagem que mostra o caminho comum à migração regional, ou seja, do interior para a capital, que havia muito por conta das secas do nordeste. Com o personagem de Ricardo, a migração já foi influenciada pelo seu envolvimento com crimes de roubos de cavalos entre outros, a história conta que ele ficou preso durante um tempo na prisão de Fernando de Noronha até voltar para o Engenho Santa Rosa. Observa-se nesta parte do livro a imagem que o negro ainda carregava, não tinha oportunidades e era marginalizado pela elite.

Ricardo estava ali naquele banco de segunda classe do trem da Paraíba. Há anos viera ele do engenho, num trem como aquele, menino quase, de coração cheio de saudades da mãe, dos irmãos. Anos se foram em sua vida naquela capital (...) Lá estavam os canaviais, os bueiros do engenho, as terras cobertas de roçados, os trabalhadores parando a enxada para ver o trem passar roncando (...) Na prisão, só falava da vida que passara por fora, dos engenhos que conhecera, dos roubos de cavalos pelas estrebarias para vender a um senhor de engenho de Timbaúba que acoitava ladrões de cavalo. (REGO, 2010, p. 35-38)



A região da escola dos alunos que foram envolvidos neste trabalho se localiza no cenário descrito no livro, Timbaúba a cidade citada à cima fica a uns 20 km, isso mostra de alguma forma a história do lugar e sua importância.

Nessa viagem ao passado os estudantes conseguiram detectar as mudanças que ocorreram na economia açucareira ao longo dos séculos. No livro didático eles conheceram a implantação do açúcar, que de logo não começou no Nordeste e sim em São Vicente-SP, porém os engenhos logo se multiplicaram ficando com a maior concentração na região Nordeste principalmente nos estados de Pernambuco, Paraíba e Bahia. Os alunos também conheceram o porquê da Coroa Portuguesa insistir nesta implantação e perceberam que o maior interesse estava por ser um negócio de grandes lucros já que as terras brasileiras tinham condições naturais favoráveis. Portanto no livro eles perceberam que ao decorrer dos séculos esta economia teve seus altos e baixos e no século XX o açúcar já não sustentava a economia do Brasil principalmente pela falta de modernização comparada com as de outros países também produtores de açúcar. Zé Lins vai mostrar em Usina, a decadência dos engenhos com a chegada das usinas e suas modernizações.

A usina crescia. Novas máquinas, estrada de ferro particular e uma zona de primeira ordem. Cana ali não faltava, crédito, e o Dr. Juca contava com todos os parentes. A Bom Jesus marchava para se emparelhar com a São Félix. Bastava se ver as novas moendas de cana que chegava da América. Diziam que o bagaço saíria dela como uma farinha. Em quatro anos fizera-se um progresso espantoso. Dr. Juca advertia que no lugar roça iam fazer uma planta de cana. Cana, cana, por toda parte na usina só se via isto. (REGO, 2010, p. 95)

O livro Usina de Zé Lins, é composto de uma nostalgia enorme, um saudosismo da terra natal descrito nas entrelinhas. A descrição dos lugares, dos caminhos percorridos, das pessoas, e da própria usina, despertou nos alunos um momento de realidade de lugar, ou seja, o cotidiano atual ainda parece em partes com a ficção de Zé Lins. As viagens a cidade de Timbaúba-Pe hoje em dia ainda remete a um caminho de paisagem de canaviais, ao cheiro da calda da cana despejada pela usina e dos pais trabalhadores do meio canavieiro. Ao redor das cidades de Juripiranga na Paraíba, Itambé, Camutanga, Ferreiros e Timbaúba só se ver cana nos territórios que a usina engoliu tudo.

De madrugada ouviu o apito grosso da usina. Ouvia-se bem a moenda, o chiado do vapor, o bater dos mancais, dos motores e a gritaria dos homens na esteira (...) Olhou para o lado da caatinga e o céu era o mesmo, os mesmos clarões de luz rompendo a aurora, somente a Várzea não tinha mais aqueles cajueiros grandes, a Várzea agora era só cana que nem



chegava se ver o fim. (REGO, 2010, p. 140)

O nordeste brasileiro ainda hoje concentra uma grande produção de açúcar, não só de açúcar como de álcool também, ele foi a saída da crise canavieira que aconteceu no início do século XX. Na época dos anos 1936/37 o presidente Vargas começava a intervir na economia sucroalcooleira do Nordeste, pensando em uma mudança para ampliar a fabricação do álcool nas usinas de açúcar e assim aconteceu. Hoje a usina Olho d'Água que equilibra boa parte da economia regional da zona da mata pernambucana e um pouco da paraibana produz álcool em boa escala.

Os engenhos transformados em usinas desde o século XX cresceram e trouxeram fortes mudanças que foram elencadas no livro de Zé Lins e observadas pelos alunos em sala. Uma delas foram a “dominação territorial”. A usina comprava tudo que fosse de terra para plantação de cana. Antes de se tornar usina os engenhos, e seus senhores davam terras a alguns trabalhadores para viver e plantar roçado, com a transformação das usinas os usineiros tomaram essas terras de volta fazendo muitas pessoas sofrerem com as novas mudanças. Zé Lins retrata um episódio deste e muitos alunos contaram que os avós viviam em sítios que pertenciam às usinas e que eles vieram para a rua porque o dono da Olho d'Água tomou a terra de volta para a plantação de cana.

Ao decorrer de toda leitura do romance os alunos vivenciam histórias relacionadas ao mundo canavieiro contadas pelos avós e até mesmo os pais. Foram problemas econômicos, sociais e ambientais retratados no livro que foram inspirados sobre o cenário da nossa região, podendo até, ainda ser visto nos dias atuais.

O velho Teodoro tivera o seu sítio na Várzea, aonde fazia o seu roçado, plantava sua fava, o seu algodão. Veio aquela desgraça e levou tudo. Teve que se mudar para a caatinga, levar os cacos dele para uma outra terra que nem água tinha para se beber. Falava para os caixeiros com mágoas. Aquela terra já era dele, quarenta anos vivendo ali. Ninguém acreditava que o Dr. Juca fizera uma coisa dessa. Só se sabe que a usina não podia perder um palmo se quer daquela várzea, eles que fossem para a caatinga. (REGO, 2010, p. 146-147)

Terras de massapé¹, grandes lotes de terras favoráveis para a produção açucareira, a Coroa Portuguesa viu muitas vantagens nesse investimento. Porém, no período colonial, vimos desta vez no livro didático, que o negócio açucareiro não ficou apenas nas mãos dos portugueses; contou

¹ Massapé é um tipo de solo de cor bem escura, quase preta, encontrado na região litorânea do nordeste brasileiro. O massapé é um solo muito fértil e, portanto, excelente para a prática da agricultura. No período colonial, foi muito explorado na agricultura de cana-de-açúcar.



também com a participação dos holandeses principalmente na região de Pernambuco. Enquanto Portugal ficava com a parte da produção os holandeses controlavam a distribuição. Nota-se o quanto a economia açucareira foi importante para a região pernambucana desde o período colonial, já que se considera que o engenho de açúcar foi a unidade mais produtiva e de concentração de riquezas no Brasil colonial.

As classes sociais e divisões eram estabelecidas ao redor da usina e da casa grande, ainda no início do século XX. O usineiro era colocado no alto pódio da hierarquia, como era antes os senhores de engenho. Existiam as negras pobres que trabalhavam para D. Dondon mulher do usineiro, as filhas estudavam na capital, o usineiro gozava de um carro de luxo. Enquanto as pessoas ao redor da usina sofriam com as perdas de suas terras, tendo que trabalhar para a usina e gastar o pouco que ganhava dela no barracão da própria usina.

Dr. Juca o homem mais rico da Paraíba. Mandaria os filhos para estudar na América. A mulher passearia coberta de joias, como uma rainha. As filhas casariam com filhos de outros usineiros, morariam e estudariam na capital. O Packard² bufava nas subidas e sereno descia pela estrada feita pelo imperador. (REGO, 2010, p. 116-117)

Dentro da usina também havia diferenças entre os trabalhadores operários com os dos campos. Até hoje é estabelecido de certa forma esta diferença, como exemplo mais próximo para os alunos pedi que perguntassem aos pais que trabalhavam na usina, como era a organização dentro da Usina Olho d'Água que fica localizada a 6 km da nossa cidade Juripiranga. Eles chegaram na sala de aula com as seguintes respostas: A usina é dividida por vilas de morada, hoje em dia existe a Vila dos Técnicos e a dos Doutores. A dos técnicos é mais simples só com as casas de moradia, já a dos doutores, são mais bem planejadas com áreas de lazer e piscina. Fora, a escola, a igreja, o clube, o parque e o restaurante que antigamente era o barracão que vendia comida para os moradores. Tudo isso dentro da usina fora a própria casa.

Zé Lins retrata um pouco deste cenário no romance usina. Claro que se discute muito mais as diferenças entre os que trabalhavam dentro da usina com os que trabalhavam fora dela.

Na rua da usina, a vida era como se fosse de uma rua da cidade. Os operários levavam a vida de grande, em relação aos outros do campo. Bastava ver a casa em que moravam, com luz elétrica, latrina e chão de tijolo. O povo olhava a rua da usina como se aquilo também

² Packard marca de automóvel de luxo da época dos anos trinta.



fosse casa-grande. As negras da casa-grande do Santa Rosa³ sim, que pareciam iguais ao povo. Tia Generosa, Galdina, Avelina comiam na cozinha do engenho mas não eram nada mais do que eles. Os cabras da rua da usina agora estavam muito acima dos pobres do campo da usina. Antigamente eles vinham conversar na porta da senzala, saber coisas da casa grande no tempo do engenho, aqueles tempos se foram. Lá em cima estava uma gente que se chamava operário, um povo que não ligava com eles. (REGO, 2010, p. 205-206)

Além das diferenças sociais e econômicas destacadas na narrativa de Zé Lins, na qual foi comparada e pesquisada nas aulas de história, finaliza-se com as questões ambientais que as mudanças da usina trouxe consigo. Zé Lins retrata bem a poluição dos açudes, barreiros, degradação do solo já naquela época. Voltamos então a comparar com a nossa realidade atual e comprovamos que acontece o mesmo, isso só fez com que a obra de Zé Lins comprovasse como aconteceu o percurso da história canavieira da nossa região.

A usina arrasara o rio Paraíba com a podridão de suas caldas. O povo cavava cacimba na beira do rio, furava até encontrar água salobra. A bom Jesus agora despejara as suas imundices pelo leito do rio, sujando tudo, chamando urubu. E quanto mais a usina crescia, quanto mais crescesse, teria imundice para despejar. A terra já não se tem mais para plantar roçado, água doce não se tem mais para beber. Agora era a vez da vertente do rio ser tomada. (REGO, 2010, p. 220)

Nesta citação acima os alunos perceberam uma grande coincidência que acontece sempre quando a usina está em época de moagem, a imundice da calda da cana que é lançada nos açudes, poluindo a água e a tornando imprópria para uso. O termo é imundice porque a calda fede e o mau cheiro atinge boa parte das cidades próximas a usina. Também comentaram sobre as queimadas das canas que faz cair um pó preto nas casas que causa alergia. De fato chegamos a um resultado na leitura e debate final deste livro em sala, uma usina traz muitas consequências ruins a sua região. Embora, na nossa, ela seja o sustento de boa parte das famílias.

De acordo com Santos (2010), o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma todo o nacional. Acredito que ele quer dizer que ele é a verdade que se mostra na identidade do lugar na maioria das vezes e a literatura faz parte da montagem dessa identidade. Segundo Sevcenko (1995), a literatura é, antes de qualquer coisa, um produto artístico, porém com raízes no social.

³ Santa Rosa antigo engenho que se tornará a Usina Bom Jesus na narrativa de José Lins do Rego. No paragrafo está acontecendo uma comparação do passado do engenho com o que ele tinha se tornado com a usina Bom Jesus.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Com tudo, é incrível o resultado que se percebe quando lemos algo no qual nos reconhecemos. Zé Lins traz um regionalismo em forma de cuidado com o passado. O regionalismo que há dentro de sua obra, fez com que os alunos percebessem a importância do nosso lugar, além de influenciar o hábito da leitura. E para o professor de história, notasse como é de grande importância a literatura no ensino de história. Várias atividades e problematizações podem ser trabalhadas através da literatura no ensino de história.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil geral – 2** / São Paulo: Saraiva, 2013.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. 13º ed. Campinas, SP: Papyrus 2012.

PINTO, Júlio Pimentel. **Ensino de História: diálogos com a literatura e a fotografia**. 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2012.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Literatura e Ensino de História: O texto literário e os seus usos no cotidiano escolar**. In. **História e sociedade: Saberes em diálogo**/ Ângelo Emílio da Silva Pessoa, Isamarc Gonçalves Lôbo, Josineide da Silva Bezerra (organizadores). Campina Grande: EDUFPG, João Pessoa: A União, 2014.

PENSAVENTO, S.J. (2006). **História & Literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates. Disponível: <http://nuevomundo.revues.org>. Acesso: 22/06/2016.

REGO, José Lins do, 1901-1957. **Usina**. 20. Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SANTOS, Gladson de Oliveira. **José Lins do Rego e a Modernização da economia açucareira**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**. São Paulo: Brasiliense, 1995.